

**LEANDRO
KARNAL**

**O
DILEMA
DO
PORCO
ESPINHO**

como encarar
a solidão



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Leandro Karnal, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Preparação: Carla Fortino
Revisão: Andressa Veronesi e Laura Folgueira
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: André Stefanini
Imagem de capa: Heath sculp / Wellcome Library

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Karnal, Leandro	
O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão / Leandro Karnal. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.	
192 p.	
ISBN: 978-85-422-1436-9	
1. Filosofia 2. Solidão I. Título	
18-1655	CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



*Este livro é dedicado a
Igor César Dorim Gandra.
O olhar leal de um amigo
é um lume no breu do mundo.
Obrigado por você ser quem é.*



Sumário

INTRODUÇÃO. PARA COMEÇAR.....	9
CAPÍTULO 1. NÃO É BOM QUE O HOMEM ESTEJA SÓ.....	17
CAPÍTULO 2. A SOLIDÃO ENTRE MILHÕES:	
REDES E MUNDO VIRTUAL.....	33
CAPÍTULO 3. SOLIDÃO, SOLITUDE E LIVROS	57
CAPÍTULO 4. O DEUS DA SOLIDÃO	89
CAPÍTULO 5. A IMAGEM DO SOLITÁRIO: ARTE E CINEMA	
EM BUSCA DO ISOLAMENTO IMAGÉTICO	127
CAPÍTULO 6. AS SOLITÁRIAS.....	151
CONCLUSÃO. SOLITÁRIOS DO MUNDO,	
AFASTAI-VOS	181
AGRADECIMENTOS	191



INTRODUÇÃO

Para começar

Somos uma espécie de porco-espinho, pensava o filósofo Arthur Schopenhauer. Por quê? O frio do inverno (ou da solidão) nos castiga. Para buscar o calor do corpo alheio, ficamos próximos dos outros. Efeito inevitável do movimento: os espinhos nos perfuram e causam dor (e os nossos a eles). O incômodo nos afasta. Ficamos isolados novamente. O frio aumenta, e tentamos voltar ao convívio com o mesmo resultado.

A metáfora do filósofo alemão trata do dilema humano: solitários, somos livres, porém passamos frio. A dois ou em grupo as diferenças causam dores. Teríamos de achar uma distância segura, que trouxesse o calor necessário e evitasse o ataque. Qual a barreira mínima entre dois humanos espinhentos? Não existe uma resposta exata, e erramos com frequência no binômio só-acompanhado. Seria um problema de um filósofo carrancudo como Schopenhauer? Vamos avançar.

O governo da primeira-ministra britânica Theresa May criou o chamado Ministério da Solidão. A comissão

para combater o mal da solidão leva o nome de uma deputada assassinada de forma violenta: *Jo Cox Commission on Loneliness* [Comissão sobre solidão Jo Cox]. Um número alarmante de 9 milhões de britânicos parece reclamar de frequente ou total solidão. Pessoas idosas, súditos com problemas de mobilidade e outros foram considerados as vítimas principais de um mal contemporâneo: a solidão. Isolamento social não é apenas uma percepção estranha ou situação atípica: transformou-se em verdadeira epidemia. O que estaria acontecendo no mundo para que o combate à solidão virasse uma política de Estado?

Solidão é distinta do simples fato de estar sem alguém por perto. Da mesma forma, estar acompanhado não é a garantia de eliminá-la. No caso do Reino Unido, existe uma percepção de algo mais amplo: o isolamento e a vulnerabilidade decorrente dele. Alertas ocorrem também fora das ilhas. No trágico verão de 2003, mais de 11 mil pessoas morreram na França. A maioria tinha mais de 75 anos. O isolamento dos mais velhos colaborou para um número tão impressionante de óbitos. Não havia caixões suficientes para todos, e até frigoríficos foram utilizados para acumular os cadáveres. A solidão, nesse caso, podia ser fatal.

Como já disse, solidão não envolve, apenas, companhia ou falta dela. Nos grandes centros urbanos do mundo, estamos cercados por milhões de pessoas. Seria aceitável pensar que os solitários eram os velhos homens do campo, separados por muitos quilômetros de um aglomerado, isolados na vastidão agrária. Podemos dizer o contrário hoje: nas grandes cidades, o mal da solidão é ainda mais devastador. Concentração demográfica, sim, porém com

esvaziamento de laços pessoais e significativos. Grandes condomínios que acumulam histórias paralelas que nunca se encontram. Vizinhos que trocam cumprimentos formais nas áreas comuns, mas sabem que não podem contar com ninguém. Pessoas que não criam vínculos afetivos e/ou familiares expressivos que tornem a existência mais interessante. Solidão pode matar, como vimos, mas sempre deixa um gosto melancólico e cinza sobre a experiência da vida. Não estamos falando da doença chamada depressão, mal terrível no qual uma pessoa, contra a vontade, vai perdendo vínculos com o mundo e com o desejo de viver. Estamos falando de algo que não é uma doença psíquica ou um transtorno de diagnóstico preciso. Falamos de solidão, por enquanto, em seu aspecto apenas negativo.

A visão sobre solitários quase nunca é boa. A pessoa solitária beiraria a insanidade. É assim, pelo menos, que o cinema retrata os seres isolados na sua maioria. Lembro-me de Norman Bates, do filme *Psicose* (Alfred Hitchcock, 1960). A personagem está isolada em um lugar decadente e sofrendo pela falta da companhia da mãe. O resultado de não ter alguém é a mudança para o perfil de assassino.

Mesmo gente que parecia normal, quando fica sozinha em uma ilha pode demonstrar comportamentos estranhos, como aconteceu com Chuck Noland (Tom Hanks em *Náufrago*, de Robert Zemeckis, 2000), que acabou tendo de conversar com a bola Wilson. Até anjos angustiados pela melancolia da falta de uma companheira ficam perturbados (*Asas do desejo*, de Wim Wenders, 1987).

A visão dominante das telas é que o louco seja um ser isolado. A solidão é o vestíbulo da perda da razão, ou,

talvez, o amplo salão vazio no qual a insanidade baila. Mesmo tendo uma pequena família, lugares vazios acabam levando ao pior de cada um, como mostra a genial interpretação de Jack Nicholson no filme *O iluminado* (Stanley Kubrick, 1980). Isolamento, neve, ausência de grupos sociais: isso destruiria a estabilidade humana. A mensagem é quase permanente: somos gregários e, para as telas, contrariar nossa alma de bando elimina a estabilidade.

Nesse aspecto, a literatura nem sempre foi tão negativa quanto o cinema. Pelo contrário, muitas pessoas em situações de isolamento conseguem chegar ao máximo da reflexão. É o caso de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. G.H. percorre ambientes vazios, reflete e age a partir do seu fluxo de consciência. A solidão dá o fundo necessário para que flua tudo o que seja possível de cada situação, inclusive o encontro com uma barata. Se G.H. estivesse em um coquetel com amigas ou família, nada do que ocorre na obra de Clarice seria imaginável. G.H. funciona como *Robinson Crusoe* (Daniel Defoe): são náufragos do mundo para encontrarem a si. Ainda que os 28 anos de Robinson não tenham sido inteiramente solitários, é no isolamento que ele encontra a própria identidade, sem enlouquecer. Porém, mesmo com Robinson resolvendo quase todos os dramas que se apresentaram na ilha, seu sonho é retornar e reinserir-se na sociedade da Inglaterra, onde nasceu. Robinson é um solitário a contragosto.

Sim, a solidão pode ser iluminadora. No deserto, Jesus, Abraão e Maomé encontraram sua vocação e seu chamado. Não estavam sozinhos. Jesus encontrou o demônio e anjos. O fundador do Islamismo recebeu a revelação por meio de

Gabriel. Como veremos no livro, Deus se revela a solitários ou fala de forma inaudível para os outros, fala individualmente, como no episódio da queda de Saulo a caminho de Damasco. A solidão pode ser criativa como para G.H. Pode ser representada como foco do gênio: assim o romântico Delacroix pinta outro criador, Michelangelo, imerso na solidão do seu estúdio. Isolado, o profeta ou o artista se ilumina ou se comunica com planos superiores. A algaravia do mundo atrapalha a recepção do sagrado, como vemos na parábola do semeador (Mt 13). As preocupações do mundo são espinhos, e a Palavra não frutifica.

O pior castigo da penitenciária é a solitária. Uma pessoa irritada com o rumo do casamento lança a suprema ameaça: “Eu vou te deixar”. Uma praga comum em momento de ódio é profetizar: “Você vai morrer sozinho por causa do seu gênio de cão!”. Crianças birrentas em escola devem ir para a biblioteca para ficarem sozinhas. Um castigo quase teatral é colocar o pequeno infrator voltado para a parede, sozinho, isolado, sem ninguém. Tal como o cinema, a solidão é vista com muita desconfiança e utilizada como punição.

Se considerarmos que um amor correspondido seria o perfeito oposto da solidão, entenderemos que quase toda a arte e literatura gira entre os dois polos: estar só ou estar acompanhado. Fugir ou buscar o isolamento, encontrar ou perder o amor é o eixo definidor da própria cultura humana. O poeta Rainer Maria Rilke definiu que o amor era apenas duas solidões protegendo-se uma à outra. Quase podemos ver a ligeira ironia contida na afirmação: amor é solidão compartilhada.

É um sentimento amplo, poderoso e fundamental. Uma criança cria amigos imaginários para viver suas fantasias. Dizem que é saudável. Que seres seríamos capazes de inventar para não reconhecer nossa solidão?

Sejamos mais francos e diretos: estaria você lendo ou eu escrevendo porque somos solitários? Estivesse você entre amigos falantes ou envolvido nos braços da pessoa que ama, teria tempo para refletir sobre solidão em um livro? Em resumo, lê sobre solidão quem é solitário ou a própria solidão é a condição da existência da cultura formal de estudo? A vida é elaborada mais densamente pelo exercício da solidão ou só nos dedicamos à reflexão quando não dispomos de verdadeira e orgânica companhia?

O objetivo do livro que você começou a ler é colocar luz sobre todos os prismas da solidão. É uma experiência multifacetada e necessita de reflexão. Quais os aspectos? A dor da solidão, a inspiração vinda do isolamento, o amor como a soma de solidões, o poder transformador da análise no isolamento, o crescimento e a angústia do vazio, ou, resumindo de forma ampla, com quem você está quando está sozinho? Dito de forma mais existencialista e psicanalítica, se o inferno está nos outros, o medo da solidão seria a opção para evitar o pior de todos os sofrimentos, nós mesmos?

Aristóteles garantiu que a solidão criava deuses e bestas. O filósofo queria dizer que muito da criação humana deriva da experiência do isolamento interno ou externo. Da mesma forma, parte da nossa selvageria pode ser solta graças à solidão. Talvez seja o sentimento por excelência da humanidade. Afinal, o que vem a ser a solidão?

Conceda-me compartilhar um pouco da minha escrevendo com a sua lendo e, ao menos, estaremos próximos no debate. Venha sozinho, mas venha inteiro. Vamos viver os dois lados mais deliciosos da solidão: a leitura e o pensamento. Este é um livro pessoal. Sim, busquei filósofos, historiadores, a Bíblia, romances, obras de arte e outras fontes. Porém, grande parte é um ensaio pessoal e uma reflexão sobre um tema que sempre me acompanhou e que tem crescido na maturidade: a solidão. Agradeço sua companhia nesta parte da jornada. É a atualização do porco-espinho: somos animais gregários, e nossos problemas derivam também disso. Tudo de bom e de ruim vem do jogo de contrastes entre companhia e solidão. Não existe solução ideal, apenas consciência. Não existe vacina, apenas clareza dos males. Não existe cura, pois solidão se encerra com a morte, que, aliás, será vivida de forma absolutamente solitária. Antes, porém, caminhe comigo. De todos os antídotos contra a solidão, a leitura é um dos mais criativos. Aqui estamos, eu sozinho ao escrever e você sozinho ou sozinha ao ler. Aqui, duas solidões se encontram, trocam ideias, pensam e, efeito fascinante, transmutam o estar só em pensar e compartilhar. Só na solidão você é você e só na solidão eu sou eu. Na leitura solitária, somos dois autênticos viajantes isolados que, por um breve instante, aceitam conversar com um estranho fortuito. Acompanhe-me por algumas horas. Estaremos ambos um pouco menos solitários e, talvez, até felizes. Se algum espinho saltar, achemos novo ângulo para o calor recíproco. Se o frio bater, vamos pegar o cobertor da leitura. Começou a nossa viagem entre frio e espinhos.

